

1919 NO CINEMA: GESTANDO MONSTROS
por Carlos Gerbase, professor universitário na PUCRS e cineasta

No dia 15 de janeiro de 1919, em Berlim, as *Freikorps* - milícias alemãs formadas por veteranos da Primeira Guerra descontentes com os rumos incertos da República de Weimar, criada em outubro do ano anterior - prenderam e fuzilaram Rozalia Luksenburg, mais conhecida como Rosa Luxemburgo. O motivo: era uma conhecida militante socialista, tanto em sua pátria, a Polônia, quanto na Alemanha, onde estava ligada ao SPD (Partido Social-Democrata da Alemanha) e ao (USPD) Partido Social-Democrata Independente da Alemanha (USPD). O fato de ser estrangeira e mulher, é claro, também pode ter contribuído para o crime – xenofobia e misoginia são velhos parceiros de assassinatos pretensamente ideológicos -, mas o tal “fantasma do comunismo”, que assombrava desde 1917 as classes-médias germânicas, com certeza cumpriu seu conhecido e renitente papel histórico.

Nesse mesmo mês, também em Berlim, quem sabe até nesse mesmo 15 de janeiro, dois jovens trabalhavam no roteiro de um filme. Havia uma estreita ligação entre o tcheco Hans Janowitz e o austríaco Carl Mayer: ambos eram pacifistas e tinham passado por experiências muito ruins na Primeira Guerra. Hans serviu como oficial no conflito travado em trincheiras cheias de lama e sangue. Carl fugiu do horror alegando insanidade, mas não escapou de sádicos exames promovidos por um psiquiatra militar. O roteiro, que mais tarde serviria de base para a obra-prima *O Gabinete do Dr. Caligari*, dirigido por Robert Wiene, foi desenvolvido durante seis semanas, no inverno de 1918-1919.

Siegfried Kracauer, em seu clássico livro *De Caligari e Hitler – uma história psicológica do cinema alemão*, diz que “os filmes de uma nação refletem a mentalidade desta, de uma maneira mais direta do que qualquer outro meio artístico”. Ele defende esse ponto de vista com dois argumentos: o cinema é feito de forma coletiva (ao contrário de outras artes mais individuais, como a literatura, a pintura e a música) e os filmes são concebidos para “as multidões anônimas”, ou seja, sempre consideram as preferências estéticas da população que os consome. Essas características, mesmo que possam ser relativizadas, são bem reais. Qualquer cineasta ligado a processos industriais de realização de filmes vai confirmá-las sem piscar.

Ainda segundo Kracauer, o cinema faz com que “a vida interior [da população] se manifeste em vários elementos e conglomerados da vida exterior, especialmente naquelas informações superficiais quase imperceptíveis que formam uma parte essencial da linguagem cinematográfica. Ao gravar o mundo visível – não importa se a realidade vigente ou um universo imaginário – os filmes proporcionam a chave de processos mentais ocultos”.

O Gabinete do Dr. Caligari, filme precursor do expressionismo alemão no cinema, movimento que encantou (e ainda encanta) e influenciou (e ainda influencia) cineastas do mundo todo, é um excelente exemplo dessa troca dinâmica entre arte e história, entre criação estética e vida cotidiana. Carl Mayer transportou todo o sadismo do psiquiatra militar que o examinou para a personalidade abjeta do Dr. Caligari, enquanto Hans Janowitz com certeza transferiu o clima de horror da guerra para o ambiente funesto e sombrio do filme. Eles escreveram o roteiro, mas antes eles mesmos estavam “escritos” pela situação da Alemanha, vencida, humilhada, sem rumo definido e submetida a choques ideológicos radicais. Toda essa incerteza existencial também está no filme.

O assassinato de Rosa Luxemburgo é o típico momento em que uma intolerância social e política - ainda invisível para alguns, mas já muito consistente na psicologia de grande parte da população - transforma-se em ação criminosa pelas mãos de uma milícia não-oficial, mas com evidentes laços estabelecidos com o poder. Adolf Hitler e Ernst Röhm, em 1920, copiaram alegremente esse modelo com a criação das *Sturmabteilung*, ou SA, as tropas de assalto do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, que hoje conhecemos como Partido Nazista. Essa organização paramilitar, com decisiva participação de ex-soldados e ex-oficiais, tinha até uniforme (a famosa camisa parda) e seguia rígidos padrões de disciplina.

O *Gabinete do Dr. Caligari* foi filmado entre dezembro de 1919 e janeiro de 1920, inteiramente em estúdio. Apesar dos produtores e do diretor terem feito mudanças importantes na história, com o objetivo de torná-la mais comportada e mais comercial, as principais ideias do roteiro permaneceram e foram sublinhadas pelos famosos cenários surrealistas, em que nada é sólido, racional, ou confiável. Na definição de Janowitz, o roteiro original era a representação do "poder autoritário de um estado desumano enlouquecido". A palavra "estado" nessa frase pode ter duas interpretações. E ambas são válidas. Serve para os personagens presos num manicômio e serve também para o Estado, a República de Weimar, que caminha para a loucura nazista. "Como o mundo nazista, o de Caligari é abundante de sinistros presságios, atos de terror e explosões de pânico", lembra Kracauer. "A equação de horror e falta de esperança atinge o clímax no episódio final que pretende restabelecer a vida normal". Mas é "o normal como uma casa de loucos".

O lançamento de *O Gabinete do Dr. Caligari* aconteceu em fevereiro de 1920, com sucesso de público e de crítica, tanto a alemã, quanto a de outros países. No mesmo mês, foi lançado o programa do programa nacionalista, antisemita e anticapitalista do Partido Nazista, ao qual Hitler se filiaria no começo de março. Era ainda uma organização pequena, motivo de riso por sua suposta insignificância política. Agora todos sabemos que aquela era a semente da árvore infernal que lançaria suas sombras sobre o mundo inteiro.

Do assassinato de Rosa Luxemburgo por uma milícia ilegal (janeiro de 1919) ao nascimento oficial do nazismo (fevereiro de 1920) transcorreu pouco mais de um ano. Nesse curto período, foram gerados, como se fossem gêmeos, um dos maiores vilões da história do cinema e o maior monstro da história do nosso mundo. Não é uma coincidência. Ou, como ouvimos no prólogo do filme *Magnolia*, de Paul Thomas Anderson: "Na humilde opinião deste narrador, não é simplesmente 'algo que aconteceu'. Não pode ser 'uma daquelas coisas'. Por favor, não pode simplesmente ser isso. É difícil expressar o que quero dizer. Não foi uma mera coincidência. Essas coisas estranhas acontecem o tempo todo."

XXXXX